



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRCIA FERNANDA LIMA VIEIRA

(entrevista)

Teresina, PI

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em maio de 2019, em Teresina (PI). Da esquerda para a direita: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima e Márcia Fernanda Lima Vieira.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-918

Nome da entrevistada: Márcia Fernanda Lima Vieira.

Local da entrevista: Teresina (PI).

Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 16/05/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 53 minutos e 04 segundos.

Páginas Digitadas: 26.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: VIEIRA, Márcia Fernanda Lima. Entrevista concedida por Márcia Fernanda Lima Vieira ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, TERESINA (PI), 16 maio 2019, 29p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Piauiense de Futsal e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Teresina (PI), 16 de maio de 2019. Entrevista com Márcia Fernanda Lima Vieira (M.V.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Boa tarde, Márcia.

M.V.– Boa tarde, Dôra.

M.L. – Qual seu nome completo?

M.V. – Márcia Fernanda Lima Vieira.

M.L. – Data de nascimento?

M.V. – 13 de novembro de 1980.

M.L. – Onde nasceu?

M.V. – Teresina, Piauí.

M.L. – Escolaridade?

M.V. – Superior.

M.L. – Em?

M.V. – [riso] Licenciatura Plena em Educação Física e Pós-Graduação em Fisiologia do Exercício. Especialista.

M.L. – Márcia, gostaria que você me contasse como foi a sua infância e qual foi sua relação com o esporte.

M.V. – A minha infância foi bem lúdica. Foi envolvida com bastante brincadeiras, com bola. Sempre bola no meio [riso] e eu fui... Convivi com meninos, com muito mais meninos do que meninas, mas da família. Sou única filha e única neta por parte de mãe, então minha convivência foi bem próxima aos meninos. A brincadeira era deles e eu gostava e tinha bola no meio, né? Então foi assim, bem divertida, posso dizer. E a minha relação com o esporte? Eu tenho pai que é ex-atleta, ex-treinador de futebol, atleta de futebol, treinador de futebol e ex-árbitro de futebol [riso]. Então acho que teve alguma influência, né? Minha mãe também é professora de Educação Física. Eu devo ter tido alguma influência deles. Não me recordo assim, é, de na infância, de conversar sobre isso, mas eu sempre ia a jogos, né? Então tem influência; certamente.

M.L. – Chegou a ver seu pai arbitrando?

M.V. – *Sim, sim.* Cheguei sim. Inclusive foi... Não lembro se era amistoso. Foi um jogo da Seleção. Ele era assistente. Ele não tava como árbitro principal. Era Brasil e Lituânia, se não me engano. Foi em Teresina.

M.L. – Márcia, como é que você começa a se envolver com o esporte?

M.V. – Na escola. Primeiramente na escola, nas práticas de Educação Física. Nada de treinamento, só mesmo conhecer as modalidades, as bolas e depois... Inicialmente na recreação. Depois eu gostei do voleibol. Conheci o voleibol, gostei. Na escola que eu estudava ainda não tinha seleção da escola, né. Depois eu mudei de escola e aí sim eu já fui pro handebol e participei da seleção da escola. Eu era goleira e aí depois aqui no Instituto, ainda com o nome de CEFET¹, eu entrei no time de futsal. Eu era goleira de futsal. E aí competições locais, regionais, nacionais e foi assim.

M.L. – Algum título marcante enquanto atleta?

M.V. – Marcante!?! [pensativa] Foram muitos piauienses. Campeã piauiense, foram vários, foram inúmeros, mas... Os mais... Acho que os mais importantes, não sei, não tão marcantes, acho que foram por terem sido muitos, não teve assim um que marcou. Dos

Jogos Norte/Nordeste dos Institutos Federais, esses eram os mais... A gente não saía muito nessa época assim prá... Foi prá JUB's², mas não tivemos título. Acho que a gente ficou com um terceiro em São Luís em Jogos Universitários. Brasileiro, sem expressividade a nossa participação.

M.L. – Havia apoio para vocês saírem e irem a essas competições?

M.V. – Dos Jogos dos Institutos, sim, e Universitários também, né. Tinha, se eu não me engano, hospedagem e alimentação que era por conta do COB³, e acho que o transporte era por conta da instituição. E Brasileiro era uma ajuda ou outra em parceria com o Instituto, mas patrocínio, essas coisas de fora, não era sempre que a instituição... Uma ajuda básica da Federação daqui prá Brasileiro e só.

M.L. – Então as instituições privadas não se envolviam?

M.V. – Não. Não. Acho que ainda hoje não tem tanta participação assim, tanto incentivo.

M.L. – E aí, como é que sua família encara esse seu envolvimento com o esporte?

M.V. – Minha mãe não gostava muito. Quando eu ia pra treino era sempre uma briga [riso]. Chegava mais tarde por conta dos treinos e era horrível, né? E tinha ainda mais na infância, antes de participar do esporte competição, quando eu brincava com os meninos de bola [riso] tinha aquele preconceito por parte da minha vó, do meu avô. Acho que tinha meio esse lado do preconceito e mais... Meu pai, não lembro tanto assim dele falar alguma coisa sobre. Irem a jogos, não lembro. Não tem tanta participação não, familiar.

M.L. – E esse preconceito, como é que ele era externado?

M.V. – Falas. Falas [riso]... O que a gente escuta sempre, né. “Essa menina só quer ser homem [riso]. Parece que quer ser homem. Vai virar homem.” Era sempre isso.

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí

² Jogos Universitários Brasileiros

M.L. – Sua mãe, professora de Educação Física, mas mesmo assim...

M.V. – Mas na época, na época, ela não... Inclusive ela entrou na universidade prá esse curso depois de mim, depois que eu já tava na universidade. Foi um... Não sei se era um programa do Estado, prá quem era professor do Estado, concluí um curso superior porque ela só tinha o magistério, na época, não sei, pedagógico que fala. E aí prá quem já era professor do Estado tinha um vestibular específico. Eles só concorriam entre eles e aí foi assim que ela ingressou, mas mesmo assim, já tinha uma vivência com a recreação, mas povo antigo é essa mente, né [riso]?

M.L. – Márcia, você me contou a pouco tempo que você se envolveu com o handebol. E como é que entra então o futsal nessa sua trajetória esportiva?

M.V. – Assim... Eu por ser goleira, né, eu jogava por uma outra equipe e sempre... As finais ou jogos bem mais acirrados, era essa equipe que eu jogava e o Instituto. E aí eu vim estudar aqui. Algumas meninas que jogavam handebol, jogavam futsal também, me reconheceram e uma certa vez eu aqui no ginásio assistindo um interclasse, a goleira de uma equipe faltou e essa menina me conhecia – inclusive ela era árbitra também, CBFS⁴ também, hoje ela tá afastada – e ela me chamou prá eu ir prá equipe dela, prá jogar no gol e quem tava apitando o jogo, na arbitragem do jogo do interclasse, era o Hélio, que era o nosso professor de futsal aqui. E aí ele me chamou prá ir pro time dele. Gostou do meu jogo e aí me chamou e aí, desde então, me apaixonei [riso].

M.L. – Sempre goleira?

M.V. – Sempre goleira, mas goleira artilheira. O Hélio até fazia essa... tipo um escalte, né. Quem era o artilheiro, quem teve um melhor desenvolvimento e tal... E por um bom tempo eu era goleira artilheira. Eu saía também prá jogar, prá fazer...

M.L. – Goleira linha?

³ Comitê Olímpico Brasileiro

⁴ Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

M.V. – Fazer goleira linha e, às vezes... Não tinha essa denominação ainda, mas saía também prá jogar e fazia uns golzinhos [riso].

M.L. – E nunca quis ir prá linha?

M.V. – Não tinha essa habilidade não [risos]. Tinha uma tecnicazinha legal, mas habilidade, velocidade também, não tinha não. Acho que era melhor no gol mesmo [riso].

M.L. – Você acompanha algum esporte ou o próprio futsal regularmente?

M.V. – Acompanho. Acompanho sim. Acompanho voleibol, futebol também, futsal também.

M.L. – Por quais meios?

M.V. – Televisão, internet e indo aos locais de jogos.

M.L. – E você faz esse acompanhamento com frequência?

M.V. – Sim. Sempre. Sempre assisto principalmente voleibol e futebol. Futsal não é tão divulgado, né? Não são tão transmitidos os jogos, mas sempre que tem e que combina com o meu tempo, eu assisto.

M.L. – Futsal é tão carente que quando conseguiu que o Sportv transmitisse aquele jogo feminino foi algo assim, um marco...

M.V. – Sim, sim. Amandinha estava em quadra... Assisti a alguns jogos.

M.L. – Quando e por que você começou a arbitrar? Lembra?

M.V. – Eu lembro. Eu lembro do curso. Por que que eu fiz o curso? Na verdade foi por obrigação, porque fazia parte da disciplina de Futsal na Universidade Federal. Era parte da disciplina. Aí depois do fim do curso eu não fui logo prá arbitragem porque eu ainda

jogava. Eu tinha... Ou você joga ou você apita, né. E aí eu dizia: mas eu posso participar da arbitragem do masculino! Eles não aceitavam aquilo. Eu deixei a arbitragem em standbay e aí depois que eu não tinha mais tempo para treinar, não dava mais prá competir, aí eu digo: não, não vou também me distanciar do esporte não. Do futsal que eu amo! Uma forma prá eu me manter próxima foi à arbitragem. Além de... Nos Jogos Escolares, que minhas escolas participam, tô lá com as meninas, com os meus alunos, como treinadora.

M.L. – E quando? Lembra Márcia? Sabe precisar qual foi o ano que fez o curso?

M.V. – Acho que fiz o curso em 2002, 2003. Não lembro com precisão.

M.L. – E quem foi que te apoiou nessa decisão de ser árbitra? Porque houve inicialmente aquela repulsa, não deixavam sequer participar... E agora Márcia árbitra. Como é que a coisa soou?

M.V. – Não me lembro de assim, de alguém me apoiando. Foi mesmo a vontade de continuar próxima a modalidade. Ali, ativo, bem próximo, dentro do futsal mesmo. Se eu não podia mais ser atleta... E algo que fosse mais no dia a dia, seria a arbitragem, porque como treinadora só mesmo escolar. Não tem outras competições, mas...

M.L. – E como sua família, as pessoas mais próximas a você, vêem essa sua decisão de tornar-se árbitra?

M.V. – A mamãe, novamente, não gosta muito [riso]. Ela não gosta. Ainda hoje ela fala, fala que... Quando eu viajo, às vezes, prá jogos, ela fala que... Às vezes... É sempre demorado um jogo, né? Nunca vou prá um jogo só e, às vezes, alterna um jogo sim, outro não. Sei que às vezes saio a tarde e volto tarde da noite, né? Ela fala que é um tempo que eu poderia tá em casa descansando, eu tô... Mas eu gosto, digo sempre. A minha defesa é essa [riso]. Eu gosto. Não posso fazer nada. Mas ela não gosta muito. Os demais... O meu pai, também não lembro de muito envolvimento dele. É isso.

M.L. – E como estava o futsal na época em que você começou a atuar como árbitra com relação aos campeonatos? Havia muitos campeonatos? Como estava o quadro do futsal nessa época?

M.V. – Não, não tinha muita competição. Não me lembro de muita competição quando eu iniciei. Era mais o Campeonato Piauiense e um ou outro Escolar, Jogos Escolares. Hoje tem bem mais competição. Hoje é bem mais movimentado. Teve um tempo em que o feminino também tinha mais categorias. Hoje se a gente for ver aqui o feminino, tem mal adulto. Não faz uma competição sub 15, sub 17, sub 20. Não tem mais feminino. Aí tem umas meninas que estão começando agora que se juntam com as meninas que jogam, que é... Terminaram a graduação em Educação Física e tão tentando reavivar. As meninas da base...

M.L. – E com relação ao curso? Você diz que a família não gostou muito, que você fez para manter-se dentro do esporte, para não afastar-se do futsal. E como é que foi esse curso? Lembra? Sabe dizer como ele acontecia? Quando foi? Onde foi?

M.V. – Foi na Universidade Federal e acontecia nos dias de aulas daquela disciplina que era o Futsal. Se eu não me engano eram dois dias na semana, no turno da tarde, acho que foi um mês e meio com essa... Dois meses, no máximo, com essa... Compartilhar as regras do futsal prá essa disciplina, porque era parte da disciplina.

M.L. – Você lembra quem foi que ministrou o curso?

M.V. – Lembro. Foi um ex-árbitro, um ex-CBFS também. Era o professor Marcos, chamam Marco Boião. Não sei o sobrenome dele [riso].

M.L. – Aí no caso, você fez o curso na faculdade para cumprir a disciplina. Como é que você entrou então na Federação Piauiense?

M.V. – Porque a gente recebia o diploma da Federação e quem quisesse dar continuidade... Foi repassado endereço, telefone. Quem quisesse poderia procurar prá se enturmar, saber como é que era, o que precisava, o que precisava ser feito prá ser árbitra na prática.

M.L. – O curso foi na faculdade. O ano você não sabe precisar?

M.V. – O curso foi na faculdade. O ano eu não sei dizer.

M.L. – E antes de você fazer esse curso, já arbitrava?

M.V. – Não. Nada. Não arbitrava nadinha.

M.L. – Nem os babas?

M.V. – *Nadinha* [riso].

M.L. – E você lembra quando e como foi o seu primeiro jogo como árbitra de futsal?

M.V. – Não lembro. Não lembro.

M.L. – Nem se foi masculino ou feminino?

M.V. – Masculino. Acredito que masculino, porque feminino já foi bem depois. Masculino e acredito também que foi na base, pequenininho, sub nove, sub onze. Foram primeiramente essas categorias e depois é que foi pro sub dezessete.

M.L. – Lembra a competição?

M.V. – Provavelmente o Piauiense, mas não lembro com certeza.

M.L. – E como é que foi a sua primeira participação em uma competição oficial como árbitra confederada? Lembra?

M.V. – Lembro. Lembro. A participação é... Eu fiquei bem nervosa, né [riso] no primeiro jogo, mas foi tranquila, foi boa. Eram poucas equipes. Eu acho que na arbitragem mesmo eu participei de dois jogos, assim em quadra, e fiquei outro jogo com a parte da súmula,

que era a súmula eletrônica e a gente revezava. Era eu, a Celiene que também é daqui e tinha uma outra árbitra da Bahia [riso].

M.L. – Lembra quem era?

M.V. – Rosana, se eu não me engano. Rosana Vigas. Ela ainda faz parte?

M.L. – Não. Faz não.

M.V. – Ah...

M.L. – Você lembra qual era a competição?

M.V. – Era Brasileiro Adulto. Brasileiro de Seleções.

M.L. – Adulto feminino?

M.V. – Isso. Em Fortaleza.

M.L. – Quais foram, até hoje, na tua trajetória enquanto árbitra, os principais jogos que você já trabalhou, já arbitrou?

M.V. – [pensativa]. Acredito que em algumas finais femininas da categoria principal e também na categoria masculina adulto, mas não sei precisar assim as equipes participantes. Os jogos mais importantes são nessas fases: semifinal, final. A categoria principal também, né? Mas eu não tenho uma lembrança de jogos mais importantes.

M.L. – E tua atuação é mais em jogos masculinos ou jogos femininos?

M.V. – Mais em jogos masculinos.

M.L. – Adulto?

M.V. – Mais sub 17, sub 20, mas tenho uma boa participação em adultos também.

M.L. – E como é a condução de uma partida de futsal quando o jogo é masculino? Ele difere de quando ele é feminino?

M.V. – Prá mim não tem diferença. Assim, a forma que eu vou encarar, a importância que eu vou dar para o jogo, não tem diferença. A diferença é do olhar do atleta, muitas vezes da torcida. Aí tem diferença [riso]. Novamente o preconceito, né. A gente escuta muita coisa.

M.L. – Tipo?

M.V. – “Lugar de mulher é na cozinha. Vai pilotar um fogão.” Eu já expulsei um atleta por ter falado isso, ter falado algo do tipo. [riso] A equipe dele tava perdendo, ele foi colocando a culpa na arbitragem, reclamando, reclamando e aí, se eu não me engano, ele tomou o amarelo, aí ele começou a falar essas coisas... Vermelho! Aí a equipe dele deu a volta por cima, virou o placar, classificou prá final. Aí ele veio: “Desculpa! Eu falei besteira.” Não tem mais, não tem mais chance. Cartão dado não tem como você tirar. Mas assim, torcida também já falou muito isso. Já pedi prá torcedor sair do ginásio por tá insuportável. Ainda mais porque o ginásio daqui é muito pequeno. Às vezes eles ficam andando; onde você vai, tá ali oh... Falando besteira. Então é isso. Mais o preconceito. A gente [palavra inaudível]. Nessa competição agora teve um jogo que foi eu e a Nilmara. A dupla de arbitragem era feminina. Não sei se anotador também era. Acho que sim. Era tudo feminino. O jogo foi assim, sem... Não deixamos nada a desejar em termos de regra, de aplicação da disciplina e tudo, mas uma equipe, sempre a equipe perdedora, né: “a culpa foi da arbitragem. Quem tinha que tá apitando aqui era homem.”

M.L. – Era jogo masculino?

M.V. – Era um jogo masculino adulto. “Quem tinha que apitar um jogo desse aqui era *homem!*” Sendo que a regra é a mesma prá mim, prá homem, prá mulher. É mesmo o prec... o machismo, né? Então acho que a diferença é por parte dos jogadores e dos torcedores. Apesar de que já diminuiu um pouco, mas ainda tem, ainda existe.

M.L. – Mas a forma de arbitrar sua...

M.V. – A mesma, a mesma.

M.L. – Em algum momento, Márcia, você parou de arbitrar por algum motivo?

M.V. – *Sim!*

M.L. – Poderia falar esse motivo?

M.V. – Posso. Não sei se... Talvez possa ser antiético [riso].

M.L. – Se você... Quando você for fazer a leitura da entrevista, se você quiser tirar, não tem problema nenhum. Fique tranquila. Não se preocupe não.

M.V. – [silêncio]. Então... Tem coisas que acontecem nas Federações que, às vezes, a gente não concorda, né. Tipo: quando você perguntou se a minha participação maior era em jogos masculinos, né, e eu afirmei que sim, que é mais, mas com uma tristeza muito grande, né, porque é... Pelo fato de eu ter sido atleta, isso há *vários* anos, há muito tempo já que eu não tenho mais contato. Lógico que a maioria das mulheres, isso é uma coisa que eu acho, nunca li sobre isso, mas a maioria das mulheres que trabalha com arbitragem de futebol, de futsal, são pessoas que já foram atletas dessa modalidade. Eu acho que não vem uma menina que não tenha afinidade com o esporte ou com essa modalidade, prá procurar pela arbitragem dessa modalidade. Então não tem como. O meu passado é o meu passado. Eu não vou apagar isso. Então eu sou hoje... Pelo menos o último Piauiense que teve, eu não apitei um jogo feminino porque eu sou ex-atleta [riso]. Não tem nada a ver!

M.L. – Você já foi atleta. Hoje, sua função é ser árbitra. Então...

M.V. – E não é um ano, dois, três, quatro anos. Faz mais do que isso, né? Lógico que eu tenho amigas, tenho amigas que jogam e eu acho que jogam em tod... Não tem muitas equipes aqui. Se tiver cinco equipes, tem... É o máximo que tem de equipe que participa do Piauiense e eu conheço jogadoras de todas elas. E falam comigo, me abraçam, mas isso

não quer dizer que vou levar prá quadra, né. Então é triste. Prá mim é triste. Às vezes, você fica assim... Tem uma revolta. Dá uma revoltazinha. Eu não vou mais participar. Eu vou dar um tempo.

M.L. – Lhe privam de estar participando de uma competição feminina em função de achismos, de que teu envolvimento extra quadra pode interferir em tua atuação dentro de quadra?

M.V. – *Isso! Isso!* “As equipes vão pedir prá você sair. Vão pedir!” Será que vão pedir? Nunca ninguém pediu. Deixa pedir prá me tirar depois... Pedir prá eu não apitar, prá depois você me proibir, né. Se não pedir. Ninguém nunca pediu para eu sair.

M.L. – Você parou de arbitrar por muito tempo, Márcia?

M.V. – Não muito tempo. Não fui nem... Eu acho que não foi nem um ano. Às vezes eu passava meses afastada e aí depois... Não lembro assim de tanto tempo não. Eu acho que nem um ano foi.

M.L. – Por lesão nunca parou?

M.V. – Por lesão nunca. Nunca, graças a Deus.

M.L. – Só pela contrariedade?

M.V. – Isso [riso].

M.L. – E você já teve algum problema durante a tua arbitragem que te atrapalhou, que você teve que se afastar em função disso?

M.V. – De uma competição ou outra. Numa competição, que é a dos Bancários, teve um lance num jogo que o jogador sofreu falta, continuou com a posse de bola, finalizou, mas não conseguiu o gol. Aí depois ele me agrediu verbalmente, né. E aí depois da partida eu fui e registrei um boletim de ocorrência na Delegacia da Mulher. E resumindo, teve todo

essa situação ruim e aí eu tive que sair dessa competição. Eu mesma pedi prá sair. Acho que eu passei afastada uns três anos dessa competição. Aí eu voltei esse ano.

M.L. – Até uma questão de preservação da tua própria imagem, segurança.

M.V. – Isso. Por isso também, né? Sei lá, acho que foi meio constrangedor. O ginásio cheio. Foram palavras bem ruins, né. Que não só são ruins, mas é... Eu acho que ele aprendeu. O cara mudou bastante. Continua ainda um pouco “reclamão” e tal, mas a forma como ele fala não é descomedida. Já não vai com aquela... Eu pensei que eu ia ser agredida fisicamente [riso].

M.L. – Então a coisa foi bastante séria, né?

M.V. – *Foi*. Foi bem sério.

M.L. – Outras pessoas tiveram que intervir?

M.V. – Só o pessoal da arbitragem mesmo. O outro árbitro e a anotadora, a equipe dele mesmo puxando, tirando, pedindo para ele sair. Ele foi expulso e depois de ser expulso permaneceu atrás do banco dele: “Quero ver quem me tira daqui!” Aquela coisa toda e os companheiros da equipe dele tiraram ele de lá.

M.L. – Havia policiamento nesse local?

M.V. – *Não! Não tinha. Não tinha.* Não tinha policiamento.

M.L. – E isso é até um erro de nossa parte. A gente dá as competições e muito poucas vezes há policiamento.

M.V. – Quase nunca tem, quase nunca.

M.L. – E essa exposição acontece de forma...

M.V. – É, é. Futsal então é que não tem mesmo aqui.

M.L. – Além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte hoje em dia?

M.V. – A minha profissão. Professora de Educação Física, então eu respiro esporte praticamente.

M.L. – Tem muitas equipes?

M.V. – Tenho quatro, cinco equipes escolares.

M.L. – Modalidade?

M.V. – Futsal [riso]. Futsal feminino e masculino e tenho uma de voleibol aqui, mas a maioria é de futsal.

M.L. – E a faixa etária?

M.V. – É... Quinze a dezessete anos.

M.L. – Conquistas?

M.V. – Conquistas? Tivemos no voleibol feminino e no futsal feminino – ainda não consegui conquista mais expressiva no masculino. Aqui, no voleibol, fomos representar o Piauí no Nacional Escolar em 2017. No Maranhão, na competição local escolar, fomos campeãs, indo representar a cidade no Regional, sendo vice e, de lá, para o Estadual em São Luís, ficando com uma quarta colocação.

M.L. – Uma carreira bastante interessante. Além da Márcia árbitra, da Márcia professora, existe alguma outra atividade que você desenvolva como trabalho, como atividade remunerada?

M.V. – Não, remunerada não. Só na arbitragem mesmo e professora.

M.L. – Como é sua rotina para que você possa se organizar para arbitrar e para ser a Márcia professora?

M.V. – É bem corrida. É bem corrida. Eu trabalho três dias na semana, manhã e tarde, aqui e lá no Maranhão, dois dias, e tenho que arrumar tempo também para treinar, para dar uma corridinha. A arbitragem fica mais para a noite e pro final de semana.

M.L. – Você consegue conciliar suas atividades?

M.V. – Dá para conciliar. O que fica um pouco a desejar é a preparação física para a arbitragem, mas quando tem um tempo prá fazer as corridas, academia; tenho sempre que ter sempre um tempo na semana, mas as corridas a gente deixa mais a desejar. Quando tá mais próximo dos testes, aí que eu vou intensificar [riso], que eu tento correr atrás.

M.L. – Márcia, você diz que a correria é bem complicada. Como é que você se prepara para as competições nessa correria toda? Como esse tempo é encontrado?

M.V. – Não tenho assim uma, um tempo específico, né. Sempre a gente tem os encontros, tem reuniões na Federação com a parte de arbitragem, de diretoria e de arbitragem. A gente tem sempre reunião prá falar sobre a regra, prá discutir sobre a regra, prá falar alguma coisa ou outra que tenha acontecido errado, que esteja acontecendo errado nos jogos; então é mais nesses momentos que... Sempre tem uma leitura em casa e há uma discussão maior nas reuniões que também são bem presentes durante o mês. Tem as reuniões da Diretoria de Arbitragem. É onde a gente discute de forma mais intensa a regra.

M.L. – E você faz algum treinamento físico específico para arbitrar?

M.V. – Não. Eu até tentei, mas não deu muito certo. Eu tentei fazer um específico de corrida com acompanhamento, mas não deu muito certo [riso].

M.L. – E você faz cursos de atualização de arbitragem com frequência?

M.V. – Agora desde... Acho que já tem dois anos que a Federação tá organizando aqui e eu só participei de um fora que foi em São Luiz e somente. Não me lembro de tanta participação.

M.L. – E como é que a Federação Piauiense organiza suas atualizações a nível de estado? Elas são anuais? Como é que elas acontecem?

M.V. – São anuais e sempre antes da principal competição que é o Piauiense.

M.L. – Geralmente início de ano?

M.V. – Maio prá junho. Ano passado foi em maio. Esse ano era prá ter sido, já ter acontecido agora em maio, mas por conta da agenda dos palestrantes, foi prá junho.

M.L. – E a tua forma de arbitrar, de você conduzir as partidas, ao longo desses anos enquanto árbitra, mudou alguma coisa?

M.V. – *Mudou sim.* Muita coisa.

M.L. – E como foi essa mudança?

M.V. – Mais por ouvir as pessoas mais experientes: "Você tá errando nisso, errando naquilo." O Diretor de Arbitragem nosso também contribui muito prá isso. Sempre que ele pode, ele está lá. Porque são várias competições e, às vezes... Sempre onde ele tá, ele dá uma dicas. Diz: "Tem que fazer assim, tem que mudar isso." O que eu acho mais é a minha, como eu posso dizer, a minha paciência [riso] em falar com atleta, em falar com treinador, porque é muita reclamação, né. Na maioria das vezes, na maioria dos jogos, o atleta nunca faz falta e só sofre falta. Sempre eles querem dizer o que é tudo: o que é lateral; se é dele; se é meta, é dele; falta, é a favor dele e, às vezes, você não tem tanta paciência prá aquilo. Hoje eu já tenho mais. Uma coisa ou outra que eu tinha, que eu fazia de forma errada, eu escuto mais. Que, às vezes, um atleta sofreu falta, pode ser que ele tenha vantagem. Muitas vezes eu errava bastante isso. Hoje eu já tenho mais a paciência de esperar, de ver se vai sobrar com a bola. Essas situações assim que as pessoas de mais

experiência, que observam mais e vão falando e eu vou ouvindo e vou tentando mudar no dia a dia.

M.L. – E por que Márcia mudou essas posturas?

M.V. – Acho que a vontade de fazer sempre o melhor, a vontade de evoluir. Se alguém com mais experiência tá falando, vou dar atenção para aquilo, vou tentar ver se é realmente, né. Não que eu não... Às vezes eu discordo, né. “Ah! Por que que ali foi? Por que que ali você fez isso? Por que que aqui não?” Às vezes eu tenho uma opinião, ele tem outra, o Diretor que é o mais experiente tem outra, mas eu escuto e vou ponderar, vou ver se realmente eu tô errando nisso. Eu acho que a mudança é à vontade de ser melhor sempre, de fazer, de dar o seu melhor.

M.L. – Alguma regra ou alguma forma de organização das árbitras, tanto da Confederação ou na Federação local, mudou ao longo do tempo?

M.V. – Não. Eu acredito que não. Assim, local, que eu tenho mais vivência, não. E de Confederação, eu só tive uma oportunidade, não tenho como falar muito de mudança, de competição em si. Da parte de minha participação em competição não tenho como falar muito.

M.L. – Após a normatização do acesso de árbitras a quadra de jogo que aconteceu na década de 2000, conduzindo as partidas, você acha que mudou alguma coisa dentro do futsal?

M.V. – Eu acho que sim. Você fala dos poderes, né?

M.L. – Porque até 2000 as mulheres só poderiam ser anotadoras ou cronometristas.

M.V. – Ah, isso eu não sabia.

M.L. – Aí a Confederação baixou uma normativa em 2000 permitindo que as mulheres pudessem adentrar a quadra. Esse adentrar a quadra, com relação ao futsal, será que mudou alguma coisa? O que foi que mudou?

M.V. – Eu acho que sim. É um espaço a mais prá mulher. Por que não? Por que não? Por que que mulher não pode? Não tem explicação, não tem [riso]. Além do machismo, não tem outra explicação. Então acho que muda sim. É um espaço a mais, é uma conquista prá nós mulheres e até enquanto atleta, atleta não era, não era permitida a prática!?

M.L. – Como assim?

M.V. – Nesse período?

M.L. – Não. Só com relação à arbitragem.

M.V. – Pois é. Então, se as meninas poderiam praticar o esporte, por que não poderia ter árbitra feminina? Não tem sentido, né?

M.L. – Numa fala de Paraguassu, agora na entrevista dele, ele disse que o quadro feminino foi uma ideia dele com Inês; disse que dentro da própria Confederação houve resistência. Depois de muita conversa, depois de mostrar que o quadro tinha qualidade, que não haveria nenhum prejuízo para as equipes, tão pouco para a imagem da Confederação, foi que se conseguiu, derrubando as barreiras...

M.V. – Nossa!

M.L. – Que hoje, segundo fala de Paraguassu, “que hoje a arbitragem feminina não deve nada a arbitragem masculina; muito pelo contrário, mulher é muito mais criteriosa, muito mais minuciosa no trato com a própria regra de futsal.”

M.V. – Pois é [riso].

M.L. – E como é tua relação, Márcia, dentro da Federação Piauiense? Com os outros árbitros, com as outras árbitras?

M.V. – Também vai ser uma parte antiética [riso].

M.L. – Você vai expor o que você achar que pode ser falado. Não se preocupe não.

M.V. – Eu tenho uma boa relação com todo mundo.

M.L. – E com os colegas árbitros?

M.V. – E com os colegas tem alguns que são, que a relação é boa, é legal, mas tem outros que é também só por educação.

M.L. – E com as meninas?

M.V. – Com as meninas? Somos acho que sete, eu acho. A relação é boa.

M.L. – São apenas duas árbitras?

M.V. – Isso. As cinco outras são anotadoras e/ou cronometristas. Mas aí tem as outras duas que são CBFS também, mas que a relação é ótima, é mais amigável, é assim aquela história de resenha, de brincadeira. É muito divertido. Então tem jogos que, dependendo de com quem você vai tá, é bem divertido.

M.L. – Então vocês são quatro confederadas? Duas árbitras e duas anotadoras?

M.V. – Isso. Das meninas, sim. A Flávia e a Fernanda são anotadoras e eu e a Nilmara, árbitras.

M.L. – E na Confederação, o que você conseguiu perceber dessa relação nessa tua única competição? Ela foi amistosa, acolhedora?

M.V. – Foi sim. Foi bem acolhedora. Com a Rosana e tinha também a Alane, lá do Ceará. Ela ainda é árbitra?

M.L. – Alane foi da FIFA, mas pela questão física dos testes, ela agora é apenas nacional. Está na Paraíba e vou até vê-la agora no início de junho.

M.V. – Pois ela foi bem receptiva e tinha outra também, a anotadora que não lembro o nome dela. O pessoal foi bem receptivo, foi bem acolhedor.

M.L. – Ao longo da tua trajetória, você acha que existe algum tratamento diferenciado por você ser mulher dentro da arbitragem?

M.V. – Por parte das equipes, algumas ainda têm em algumas competições, mas eu acho que as competições da Federação mesmo, já não têm mais tanto, né. Já tem a confiança. A confiança já é maior. Acho que mais por parte de torcedor nas competições da Federação, né, que é Piauiense e Metropolitano.

M.L. – E com relação aos dirigentes, as comissões técnicas, como é que essa relação acontece?

M.L. – Também atualmente é mais amigável, mais amistosa. Antes era mais... tinha essa visão mais preconceituosa. Hoje, por eles perceberem que o trabalho é muitas vezes melhor do que de alguns árbitros masculinos, a arbitragem muitas vezes é melhor, então acho que eles acreditam mais, têm um respeito maior.

M.L. – E os jogadores?

M.V. – Acho que principalmente o adulto, né, da categoria principal. Os meninos da categoria principal acho que tem... Se tem alguma coisa ou outra é por essa parte, é por eles da categoria principal. Mas como eu tô falando, os atletas mesmo federados, as equipes que participam de competições da Federação, diminuiu mais isso de preconceito. Eles têm mais respeito hoje. Antes o preconceito era maior.

M.L. – E a relação com as jogadoras, como é que é? Uma mulher mediando uma partida feminina, como é que essa relação acontece?

M.V. – Eu acho que também tem... É mais respeitosa também. É tranquila. Não tem. Eu não sei se tem alguma coisa a ver. Como eu lhe disse, as meninas aqui, eu conheço a maioria. Boa parte eu conheço. Então não sei se tem essa influência de ter o respeito delas, mas sempre foi bem respeitador, sempre foi bem amistosa. Lógico que tem uma reclamação ou outra, mas a relação é boa, é bem tranquila.

M.L. – Você teria preferência em arbitrar jogos masculinos ou jogos femininos?

M.V. – Eu prefiro masculino [riso].

M.L. – Por quê?

M.V. – Mas eu tenho uma paixão pelo feminino também, né. Eu não sei dizer assim o motivo. Não sei [riso]. Eu acho que têm algumas equipes no feminino que têm um nível técnico menor, não é tão... um jogo feio, algo embolado. Não sei. Acho que deve ser por isso [riso].

M.L. – Seria uma questão mais técnica das equipes?

M.V. – Isso, isso. O masculino é mais técnico.

M.L. – Você relata aqui, por algumas vezes, que o grande problema com relação às competições, são os torcedores.

M.V. – *Sim. Sim!*

M.L. – Você relata ainda que ouviu muita coisa da arquibancada. Quais são as falas mais recorrentes? Poderia externar?

M.V. – Sim. Essa de que lugar de mulher é na cozinha; é pilotando fogão; que mulher não sabe, não entende de futebol [silêncio, pensativa] e que eu deveria ir procurar essas coisas para fazer [riso] e não tá no futebol, né?

M.L. – Tu achas que se você fosse homem, ouviria essas mesmas coisas?

M.V. – Não. Essas mesmas coisas não, mas tem xingamento também, mas só que é... mais relacionado a outras coisas, não a capacidade, né. Eles dizem que mulher não entende disso, não pode fazer, não sabe disso. E o homem, eles não dizem que o homem não sabe, né?

M.L. – No geral, Márcia, você acha que existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento, de valorização entre árbitros e árbitras?

M.V. – [silêncio]. Eu acho que sim. Eu acho que tem ainda. Pouco, ainda tem pouco. De maneira geral acho que ainda tem um pouco.

M.L. – Poderia citar alguma que você percebeu que esse reconhecimento pelo trabalho foi mais...

M.V. – Posso citar uma situação: quando a dupla que vai arbitrar um jogo é um homem e uma mulher, se o atleta quer alguma orientação – esse caso já aconteceu comigo – ele se dirige ao árbitro. Um atleta, ele veio me fazer uma pergunta sobre regra. Eu estava, se não me engano, sozinha. Quando ele foi chegando próximo, ele se dirigiu a mim e logo chegou o árbitro e ele já desviou a atenção e fez a pergunta prá ele [riso]. Ele não perguntou prá mim. Então isso é... ele tá querendo dizer que ele entende mais, talvez por ser homem, entende mais do que eu, por ser mulher. Eu vejo que isso é não reconhecer [riso], é uma desvalorização.

M.L. – E a que você atribuiria o número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal hoje?

M.V. – Eu acho que porque, como eu lhe disse, eu acho que as mulheres que participam são as mulheres que tiveram o futsal como uma modalidade esportiva. Que participaram como atleta, né. Eu acho que é porque ainda com o machismo, com o preconceito, os pais talvez proibam as meninas de brincarem de futebol, de futsal; e os meninos, não. Os meninos já nascem, já ganham uma bola. Então, se a primeira relação de uma menina com o futsal é sendo atleta, se ela não teve essa influência, se não foi permitido ela participar como atleta, quando criança, quando adolescente, então, talvez a relação dela depois de adulta não... vai ser diminuída. Eu acho que... Eu atribuo mais a isso, porque normalmente os meninos é que brincam mais de bola, é que jogam futebol, é que jogam futsal e que têm uma relação mais próxima com essas modalidades. As meninas, não. As meninas brincam mais de boneca, de casinha, *ainda, né!* De corda, de... Essas coisas. Futebol não é brincadeira prá menina [riso].

M.L. – Na tua saída, numa competição nacional, você notou que havia alguma diferença na condução das partidas entre as árbitras do Nordeste e as árbitras de outros locais do Brasil?

M.V. – Nessa competição que eu fui só tinham árbitras do Nordeste. Só árbitras do Nordeste.

M.L. – E entre elas, por serem de estados diferentes, havia alguma diferença na condução, no trato com a partida?

M.V. – Não. Não percebi. Às vezes eu percebo uma diferenciação, assim, nas escalas para as competições. Um certo tempo eu tava naquele grupo, no “árbitros do Nordeste” e aí tava o Nordeste todinho naquela competição e só não tinha árbitro do Piauí [riso]. Eu não entendo por quê. Talvez não tenha a participação nos Congressos. A gente não participa tanto... Deve, pode ser isso também, né?

M.L. – Márcia, o que é prá você ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

M.V. – [pensativa]. É... Prá mim eu faço, eu vejo uma paixão, como uma paixão. Mas é meio que um símbolo de coragem, de força, porque ser mulher, nordestina [riso], é tudo a margem, né, tudo a margem, tudo é minoria: mulher, nordestina; ou senão é minoria, não é

dado o devido valor. Então tem que ter coragem prá tentar ocupar o seu espaço. Então eu vejo como um símbolo de força, de coragem. Prá mim, falando o que é prá mim arbitragem, é uma paixão.

M.L. – Se você pudesse definir essa paixão numa palavra, qual seria essa palavra?

M.V. – Essa paixão pelo futebol? Pelo futsal?

M.L. – Pela arbitragem!

M.V. – [pensativa]. Não me vem uma palavra na mente. Paixão, amor [silêncio]. Emoção. Acho que é emoção.

M.L. – Quais foram as maiores barreiras que você encontrou, ao longo de tua trajetória, enquanto árbitra?

M.V. – No quadro local, são essas desavenças. Isso é a maior barreira. Não é torcedor xingando, não é atleta com preconceito, não é. É mais essas divergências, essas... Isso que eu lhe falei sobre eu não trabalhar no feminino, né. Isso é uma grande barreira prá mim e as preferências, os privilégios... Isso é *bem* complicado. Já pensei em sair da arbitragem até por isso.

M.L. – Você poderia apontar alguma ação que pudesse ser feita para trazer, recrutar mulheres, para a arbitragem do futsal?

M.V. – É... Eu acho que a divulgação dos cursos ou até a oferta do curso de arbitragem nas faculdades de Educação Física. Sempre que vai iniciar uma turma, eu acho que a divulgação poderia ser feita. Acho que até vai uma ou outra, mas poderia ser uma divulgação maior. Ir lá ao local, nas facu... Ir diretamente às faculdades, falar como é que é e talvez despertasse interesse, né. Ou atletas também. As atletas aí do adulto, que já estejam, sei lá, numa idade mais... que não tenham mais tanto tempo prá se dedicar, prá ser atleta, quem sabe. Como eu fiz, não podia mais participar como atleta, fui prá arbitragem – pode ser também. Poderia ser que chamasse mais as meninas prá participarem da

arbitragem. Então, ex-atletas ou atletas já em fim de carreira, digamos assim, e também divulgação nas universidades e faculdades com o pessoal do curso de Educação Física.

M.L. – Quando você fala que vocês são tão poucas aqui no Piauí e que ainda há divergências, esse fato pode afastar pessoas desse universo que já é tão competitivo, já é tão fechado?

M.V. – É. É. Acaba dispersando o próprio quadro. Sei lá. Criando desavenças, intrigas entre os próprios árbitros. Além de afastar quem poderia chegar, os que já estão já... Já teve tempo que foi mais, que o clima já foi melhor. Não tinha tanta divergência entre um e outro. Hoje em dia tem muitos que eu falo só por educação, por trabal... por profissionalismo, digamos assim. Se eu vou trabalhar com alguém, eu tenho que falar com aquela pessoa prá tentar desenvolver o trabalho da melhor forma possível.

M.L. – Se não houver sincronismo na hora da quadra, se não houver o “namoro” na hora da quadra, as coisas não acontecem.

M.V. – Isso, isso. As coisas não acontecem ou acontecem de uma forma ruim, né?

M.L. – Márcia, teria algo que a gente não falou ao longo dessas perguntas e que você queira externar com relação à arbitragem de futsal feminina ou algo que a gente não falou e que você acha que é importante ser publicizado? Que você queira falar agora?

M.V. – Não vem nada à mente. Algo que a gente não comentou aqui, não me vem.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

M.V. – Os pontos positivos são: amo esportes de maneira geral e sou apaixonada pelo futsal, em específico, portanto, cada jogo, cada trabalho é uma emoção, é muito prazeroso. Outro ponto positivo é que isso me ajuda em alguns momentos do meu trabalho, com minhas turmas de esporte da escola, onde trabalho com a modalidade. Mais um ponto positivo é a "obrigatoriedade" de me manter com um preparo físico razoável [riso], o que acaba refletindo na saúde. Destaco esses pontos, entre vários! Os negativos... acho que os

negativos estão relacionados com o que me deixa prá baixo ou reflexiva numa partida ou competição. Reclamações e desvalorização do árbitro, preferências e privilégios de uns em detrimento de outros. A meritocracia, por vezes, não prevalece! Acho que é isso.

M.L. – Então quero te agradecer muitíssimo por sua valiosa entrevista. O que você nos disse é muito importante. São informações bastante privilegiadas e interessantes. Farei a transcrição e te mandarei a entrevista. Você pode acrescentar ou retirar informações. Fica a seu critério. Somos muito gratas a você.

M.V. – Certo. E vou continuar também na arbitragem. Nada de querer sair. Sempre que precisar de alguma informação de minha parte, estarei à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]